

# **A Realização do Sujeito Nulo em Produções Escritas de Alunos do Ensino Fundamental 2:\***

Reflexão Sobre a realização do Sujeito Nulo na Escola

Gessica Carolina Alves de Lima  
Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o uso de sujeitos nulos *vs* plenos, afim de verificar qual seria o papel da escola na utilização dos sujeitos nulos (Magalhães, 2000). Para fundamentar este trabalho, assumimos, como arcabouço teórico, a Teoria Gerativa, segundo a qual os seres humanos são dotados inatamente de conhecimento linguístico rico e estruturado que guia no processo de aquisição de uma língua, Gramática Universal. Nessa concepção de aquisição da linguagem, o falante necessita somente estar inserido no ambiente linguístico e não ter ultrapassado o chamado “período crítico” (cf. Chomsky, 1986) para que possa adquirir uma gramática. Muitas pesquisas têm mostrado (Duarte, 1993, 1995) que o PB (Português Brasileiro) está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial. Isso tem sido relacionado à redução da riqueza flexional sofrida por essa língua. No entanto, tem-se verificado, na escrita, o uso significativo de sujeitos nulos (Duarte, 1993, Paredes da Silva, 1988, Magalhães, 2000). Para a realização desta pesquisa, foram utilizados 29 textos de alunos do 6º ao 9º ano com idade entre 10 e 14 anos do projeto LUAL (Língua Usada em Alagoas). Em seguida, esses textos passaram por uma minuciosa análise, na qual foi averiguado o uso de sujeitos nulos *vs* plenos. Após as análises e discussões, os resultados mostraram maior porcentagem de preenchimento do sujeito, tendo uma significância maior para o preenchimento da 3ª pessoa do singular e, quando o sujeito era nulo, deu-se preferência ao sujeito nulo usado na forma de 1ª pessoa do plural.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro; Sujeito Nulo; Gerativismo.

---

\* Este artigo é parte do meu relatório do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) desenvolvido no PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos) – UFAL, sob a orientação da Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tratará de um fenômeno do Português Brasileiro (PB), o sujeito nulo. Tal importância dada a esse fenômeno se explica pelo fato explícito da mudança que vem ocorrendo no português falado no Brasil no que tange a produção de sujeitos nulos quando se compara esta língua ao Português Europeu (PE).

Pesquisas que se debruçaram sobre a realização do sujeito no PB, (Duarte, 1993; 1995; Magalhães, 2006, dentre outros) mostram que o PB está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial. Os falantes do PB produzem menos sujeitos nulos que os falantes do PE e, quando realizam o apagamento dos sujeitos, fazem-no em contextos restritos. A explicação dada para a restrição no uso do sujeito nulo pelos falantes do PB baseia-se no fato de que a morfologia do PB se tornou enfraquecida e não permitiu mais o apagamento irrestrito do sujeito, como se verifica no PE. O PE teria uma característica de língua “*pro-drop*” e o PB teria perdido essa característica. No entanto, tem-se verificado na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos (Duarte, 1993; Paredes da Silva, 1988, Magalhães, 2000). Segundo Kato (1999), o aprendiz na escola vai alterando as formas adquiridas para adequá-las às normas convencionais da escrita, que reprimem as inovações da língua e fazem o falante voltar às formas eliminadas, ou no limiar do desaparecimento.

Tomando por base os resultados das pesquisas supracitadas, o objetivo dessa pesquisa foi (i) verificar se na modalidade escrita, os estudantes se utilizam de estratégias de realização do sujeito nulo não mais presentes em produções de crianças na fase de aquisição natural do Português Brasileiro, como mostra Magalhães (2006) e (ii) observar o uso dos sujeitos pronominais nulos *vs* plenos na escrita escolares de jovens do Ensino Fundamental II, procurando compará-los aos dados de aquisição e de escrita encontrados Magalhães (2000) que mostra que é possível dizer que a criança brasileira entra na escola com um sistema *não-pro-drop*, continua por um bom período de tempo utilizando este sistema na escrita e, aos poucos, vai adequando tal sistema às normas prescritas pela língua escrita.

## AQUISIÇÃO E AS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS

Adquirir uma língua é um procedimento biológico, na visão chomskiana, inerente ao ser humano, sem a imposição de correções a nível formal escolar. Porém, a aprendizagem da escrita é um procedimento de âmbito sociocultural em que o indivíduo precisa descobrir os meios que existem para a utilização da escrita de forma eficaz.

A criança que já passou pelo processo de aquisição vem para a escola com um conhecimento gramatical de língua nativa (Língua-I, cf. Kato, 1999b) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentado a formas que não correspondem aquelas que ela adquiriu. Mesmo diante de formas diferentes, a criança vai utilizar o conhecimento de que já dispõe. A escola, por sua vez, vai tentar reprimir esse uso através da instrução formal e das correções, pois ele não condiz com o exigido pela gramática normativa para a escrita. Como consequência, teremos produções escritas recheadas por uma mistura de formas, o que reflete a confusão entre o conhecimento da gramática que o aluno traz para a escola, teremos produções escritas recheadas por uma mistura de formas, o que reflete a confusão entre o conhecimento da gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática internalizada) e as regras que lhe são ensinadas no processo de ensino aprendizagem. Neste trabalho, abordei esse aspecto com relação ao uso dos sujeitos pronominais nulos *vs* plenos.

## METODOLOGIA

Para a formação do corpus, foram utilizados 29 textos escritos de 29 crianças. Os textos foram elaborados por alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental 2 da cidade de Maceió e pertencem ao banco de dados do projeto LUAL (Língua Usada em Alagoas). Para a produção dos textos, solicitou-se que cada aluno escrevesse de maneira espontânea um texto de uma lauda acerca de um momento marcante em suas vidas envolvendo terceiros, visto que o fenômeno a ser observado era o sujeito nulo.

Para verificarmos tais resultados, contamos com a ajuda de uma tabela em que foram catalogados exemplos de sujeitos encontrados nos textos analisados. Nesta tabela, encontram-se elementos extraídos do texto: o exemplo retirado (coluna 1); um código para identificar (coluna 2); a linha onde se localiza o fenômeno observado (coluna 3) e os tipos de sujeitos encontrados (coluna 4).

Por fim, foi realizada a comparação entre os dados dessa pesquisa e os dados obtidos por Magalhães (2000) com a finalidade de observar as estratégias de realização do sujeito nulo que os alunos levam para o ambiente escolar e, principalmente, verificar o processo nas realizações desse fenômeno na modalidade escrita. Apesar dos textos conterem apenas uma lauda não houve dificuldade de entendimento.

**Tabela 1: CATALOGAÇÃO DOS EXEMPLOS DE SUJEITOS ENCONTRADOS NOS TEXTOS.**

### SUJEITO NULO

EXEMPLO	ALUNO (A)	LINHA	TIPO DE SUJEITO NULO
<b>CV</b> nunca deixava faltar comida na mesa.	I.R.R.O. 10 anos	4	3ª pessoa do singular
Quando <b>CV</b> olhamos para o lado <b>CV</b> vimos duas crianças.	F.M.P. 14 anos.	14	1ª pessoa do plural

<b>CV</b> descemos do foguete e <b>CV</b> avistamos um gigante.	F.M.P. 14 anos.	22/23	1ª pessoa do plural
<b>CV</b> saímos a noite e <b>CV</b> conhecemos vários cantos turísticos.	R.J.T.M.P. 12 anos	16/17	1ª pessoa do plural

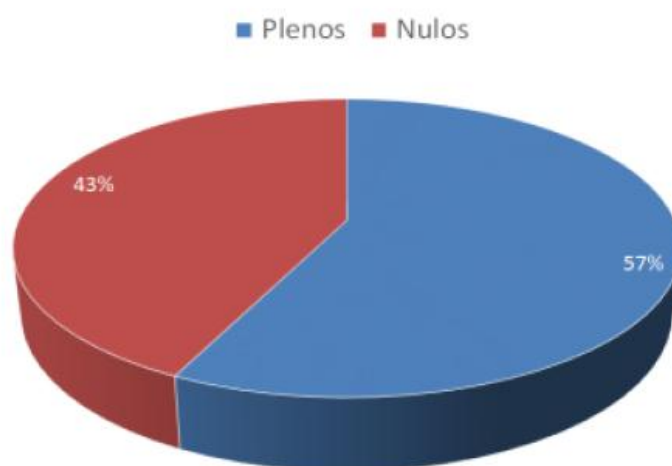
### PRONOMES PLENOS

EXEMPLO	ALUNO (A)	LINHA	PRONOME PLENO
<b>Ela</b> tapou os nossos olhos...	C.B.A. 11 anos	5/6	3ª pessoa do singular
<b>Eu</b> estava na frente com uma sacola...	A.V.M.H	26	1ª pessoa do singular
Onde <b>ela</b> mora no apartamento foi muito legal <b>nós</b> brincamos muito.	C.B.A. 11 anos	4/5	3ª pessoa do singular 1ª pessoa do plural
...na viagem <b>eles</b> nos contaram tudo desde do começo.	F.M.P	16/18	3ª pessoa do plural

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após à formação do *corpus*, os 29 textos passaram por uma minuciosa análise. Apesar das redações possuírem apenas uma lauda, os resultados se fizeram satisfatórios. Resultados estes que nos nortearam acerca das estratégias de realização dos sujeitos nulos vs plenos que as crianças trazem como parte de seu conhecimento linguístico para a escola, usando-as em suas produções espontâneas na modalidade escrita. Ao todo, obtivemos 481 ocorrências, sendo 206 de sujeito nulo que correspondem a 43% do total de ocorrências e 275 do uso de sujeitos pronomes que correspondem a 57% de ocorrências. Como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico: Plenos vs Nulos



Começamos por observar os resultados apresentados pelos dados da escrita dos alunos do 6º ao 9º ano com relação ao uso do sujeito preenchido por pessoa gramatical na tabela 2:

Tabela 2 – ocorrência sujeito pronominal pleno por pessoa

Pessoa	Dados de Escrita				Total
	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	
	N/T (%)	N/T (%)	N/T (%)	N/T (%)	
1ª sing.	13 (29%)	11 (15%)	12 (16%)	16 (19%)	52
2ª sing.	0 (0%)	1 (1%)	0 (0%)	0 (0%)	1
3ª sing.	17 (39%)	31 (43%)	29 (38%)	37 (37%)	114
1º pl.	10 (23%)	22(30%)	23 (31%)	21 (25%)	76
2ª pl.	1 (2%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (2%)	3
3ª pl.	3 (7%)	8 (11%)	11 (15%)	7 (9%)	29
Total	44	73	75	83	275

A primeira pessoa do plural, em toda a amostra dos dados de escrita, teve 76 ocorrências que apareceram como pronome pleno:

(1)

- a. a. C.B.A: **Nós** brincamos muito...6º ano
- b. G.M.L.S.A: **Nós** fomos para o aquário de peixes. 7º ano
- c. A.G.S.S: Então **nós eu e a minha irmã** fomos olhar... 8º ano
- d. L.M.S: **Nós** começamos a ficar ansiosos. 9ºano

Em apenas 3 casos os alunos usaram a expressão **a gente**.

(2)

- a. J.O.S: **A gente** andou de bicicleta pela praia. 6º ano
- b. J.O.S: **A gente** andava pela praia conversando. 6º ano
- c. F.M.P: **A gente** não falou para os nossos pais. 9º ano

Podemos observar nos dados da escrita que apresentaram uma maior ocorrência de uso do pronome **nós** utilizados como nulos. Foram verificadas 3 ocorrências de uso da expressão **a gente**: 2 no 6º ano e 1 no 9º ano. (2 a, b, c)

(3)

- a. C.B.A: “Quando **cv** descemos para o subsolo havia dois homens.” (6º ano)
- b. C.H.B.S: “**Cv** fomos para o quarto... (7º ano)
- c. A.G.L: “**Cv** ouvimos de novo só que mais alto **cv** fomos olhar o que estava acontecendo.” (8º ano)

Esses resultados já revelam que os alunos deram preferência ao uso do sujeito nulo usado na forma pronominal de 1ª pessoa do plural, os alunos parecem ter entendido que quando o morfema recupera a pessoa e o número do sujeito, o pronome desaparece. Em poucos casos utilizam ainda a forma mais comumente aquisitiva **a gente** que embora seja mais dominante no

uso da oralidade como constatou Magalhães (2000), passou quase despercebido e inutilizável nas produções espontâneas.

A segunda pessoa do singular obtivemos uma ocorrência de pronome pleno (4, a) e na segunda pessoa do plural foram verificadas três ocorrências. Esses resultados ficam por conta dos pronomes fracos.

(4)

- a. M.R.A.S: “Ela ligou para o meu celular e **cv** perguntou com tom de raiva e preocupada onde **você** está?” (7º ano)
- b. L.M.R.C: ...a professora, falou meninas parem com isso, **vocês** vão cair! (9º ano)
- c. L.M.R.C: “**Vocês** vão cair.” (9º ano)

Na terceira pessoa observamos um maior número de preenchimento:

- a. M.R.A.S: “**Ela** foi correndo, **cv** pegou o avião...” (7º ano)
- b. A.F.S: “E **ela** começou a narrar uma perseguição...” (8º ano)
- c. L.M.R.S: “**Ele** acordou e **cv** começou a rir...” (9º ano)

Os resultados obtidos nos revelaram que as crianças em fase escolar deram preferência pelo preenchimento da posição de sujeito, resultados que coincidem com os resultados obtidos por Magalhães (2000), em sua dissertação de mestrado, que revelou que as crianças em fase de aquisição e das séries iniciais também deram preferência pelo preenchimento da posição de sujeito. No entanto, com relação aos dados de escrita, os resultados da minha pesquisa se distanciaram dos resultados de Magalhães (2000), uma vez que houve mais preenchimento de sujeitos nas séries finais.

Vale salientar que a diferença observada entre os resultados de Magalhães (2000) e desta pesquisa no que tange ao preenchimento dos sujeitos nas séries finais pode ser reflexo da acentuação na variação no uso dos sujeitos em PB. Ou seja, a geração de alunos analisada nesta pesquisa talvez esteja em contato com uma gramática do PB em que o sujeito nulo tem um uso ainda mais reduzido do que aquela a gramática dos alunos analisados por Magalhães (2000). No entanto, só poderemos verificar essa hipótese em trabalhos futuros.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar o uso de sujeitos nulos vs plenos em produções espontâneas de crianças em fase escolar, afim de verificar qual seria o papel da escola na utilização dos sujeitos nulos, comparando-os quantitativamente com os dados de fala e escrita obtidos por Magalhães (2000) em seu trabalho de pesquisa para a realização da sua dissertação de mestrado. O proposito foi observar quais são as estratégias de realização do sujeito nulo que os alunos levam para o ambiente escolar e, principalmente, verificar como se dá a realizações desse fenômeno na modalidade escrita.

Importa ressaltar que a hipótese sustentada nesta pesquisa é a de que a criança que já passou pelo processo de aquisição vem para escola com um conhecimento gramatical de uma língua nativa (Língua-I, cf. Kato, 1999b) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentada a forma que não correspondem àquelas que ela adquiriu. A escola, por sua vez, vai tentar reprimir esse uso através da instrução formal e das correções, pois ele não condiz com o exigido pela gramática normativa para a escrita. Como consequência, teremos produções escritas recheadas por misturas de formas, o que reflete a confusão entre o conhecimento da gramática que o aluno traz para escola (sua gramática internalizada) e as regras que lhe são ensinadas no processo de ensino aprendizagem.

Após uma análise detalhada, certifica-se que nas produções espontâneas, as crianças em fase escolar trazem como conhecimento linguísticos distintas estratégias de realização do sujeito nulo, o que nos conduziu a acreditar que a escola conseguiu fazer com que esses alunos aprendessem, parcialmente, distintas formas para a realização do fenômeno analisado.

Através dos resultados das pessoas gramaticais, foi possível perceber que a criança já optou pelo preenchimento do sujeito e, ao projetar a posição para o sujeito, acionou uma inovação para a língua. Os dados da escrita revelam ainda que quando os estudantes preenchem o sujeito, esse preenchimento ocorre com a 3ª pessoa do singular e quando há o uso de sujeito nulo, a preferência é pela 1ª pessoa do plural como nos resultados de Magalhães (2000).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, N. The knowledge of language: its nature, origin and use. Praeger: New York, 1986.

DUARTE, M. E. L A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.

KATO, M.A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In: MORAES, J. e L. GRIMM-CABRAL (orgs). Investigações à linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Editora Mulher, p. 201-225, 1999).

MAGALHÃES, T. M. V. Aprendendo o Sujeito Nulo na Escola. 2000b. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.

MAGALHÃES, T. M. V. *Os Pronomes Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu*. Projeto de Pesquisa. UESB/CNPq, 2006b.